

UM OLHAR NA MULTIDÃO

Mônica Ramos da Costa Macedo
Sabrina Guedes de Oliveira

ERA UMA TARDE TRANQUILA. Caminhava com o sol banhando meu rosto. Pelas ruas da cidade... Tanta gente... Tanta coisa. Andar, andar, andar... De repente, as lembranças acometeram a paisagem que já não era aquela que eu via. Mas aquela que sentia... E vamos no tempo, sentindo cheiros, guardando emoções, vendo cenas...

Tudo parecia fluir, sem censura, sem medo, sem clausura. Mas o burburinho das vozes... ah! São tantas as vozes que nos atravessam: as do passado, do aqui e agora e as vindouras... tantos significados....

Não conseguia perceber o ontem, o hoje, o amanhã. As memórias chegavam e iam embora. Os sentimentos de outrora se misturavam aos desejos e vontade do hoje, daquilo que às vezes não via, mas tocava no fundo d'alma.

O sol brilhava, incendiava, acalorava meu ser e eu a caminhar sob reflexo daquela luz que embalava minhas emoções. Trazia histórias no peito, um misto de saudades, de amores, de pessoas... Ah estas! Muitas se perderam no tempo.

Quanto mais eu caminhava, mais abrasada pelo calor eu ficava, mais sufocada pelos sons, pelas vozes que povoavam minha mente. Que tensão!

O meu interior andava em descompasso. Que mundo eu vivia? O tilintar das horas me incomodava e reviver os tempos me trazia dor.

No caminhar daquela tarde, os pés sentiam o latejo da fina areia abrasada que adentrava meus poros.

Até que cheguei em casa. A boa e velha poltrona me esperava. Mas antes, decidi tomar uma boa ducha para verter todo o calor. Joguei-me embaixo do chuveiro...água boa e prazenteira refrescavam-me não só do calor, mas também dos pensamentos. Pensava ainda: até quando seremos transeuntes de uma cidade de intenso movimento e negociações, mas de muitas invisibilidades cidadãs nas querelas das esquinas, nas marquises fétidas e nos silêncios dos lares?

Saindo do banho sem querer retomar a esses arroubos filosóficos, joguei-me na poltrona. Fiquei ali por uns bons minutos descansando os pensamentos e acalmando a alma. Mas o meu íntimo voltava a me inquirir, a me desafiar sobre questões do cotidiano que fingimos não ver, mas que gritam e ardem no aumento das calúnias, nas fragilidades das fontes, nas dispersões inquietantes das informações...

Afinal de contas, pensava sobre tantos de nós que nos seus fazeres voltam calados para o final do dia, deixando os desejos e os sonhos presos às aflições, aos não ditos.

Somos autorizados? Legitimados? Capilarizados?... O que somos afinal? Um corpo que produz e uma mente treinada para vivificar modelos?

Onde estamos nós???? Os rostos, as expressões, as vozes que nos constituem no cabedal das nossas ancestralidades se materializam em nossas condições históricas, reais de vida?

Onde está a poesia da vida? A sutileza do gesto que manca e não deságua numa solidariedade fortalecida? Bilhões de amigos nos diz o Facebook... Para quem de fato? Para que?

O prazer do abraço, a gentileza do sorriso, o acolhimento necessário a hora de cada um... Onde estão?

Fulgurando minha cabeça de fervilhantes palavras, decido tomar um copo de água gelada, mas a angústia, o incômodo persistem. Não vejo solução.

Ando sem parar pela casa, não consigo me acalmar. O que tem sentido para mim? O tudo ou o nada? Não sei definir, não sei me definir diante das impossibilidades, das negações da vida.

O jogo da vida é cruel e nos retira dos silêncios interiores, alimenta a nossa alma com os sentimentos mais impuros e sarcásticos. Sou uma dessas, embevecida pelas ironias e fantasias deste mundo.

Ando de um lado para o outro e a cabeça começa a girar, a trazer em mente a perversidade que habita em mim. Olho para a estante da sala... quantos livros!!! Quantas histórias moram ali? Quantas pessoas... personagens... quanto de tudo sou eu representada naquela poeira letrada? Seria eu um personagem, uma ficção? Minha vida, minhas histórias não seriam reais?

Quantos questionamentos e tensionamentos revestem este corpo que habita em mim. A cabeça a rodar, a dor a explodir o cárcere dos meus pensamentos, devaneios e os tilintar das horas a me dizer... O tempo nunca para!!! O tempo é cruel!!! Já anoiteceu e me pergunto o que fiz da vida?

Sempre um nada a responder. Sou espectro de mim mesma, uma andarilha deste mundo arredio que a todo instante me derruba, me coloca pra escanteio. Sou uma voz sem som a ecoar os medos que sinto.

O que faço agora? O silêncio já foi melhor conselheiro. Tudo incomoda. Ligo a televisão, quem sabe a tela falante traga algo de bom. Pura ilusão!!! Que nada!!! Sinto mais incômodo, mais angústia, não sei responder ao certo.

As horas passam e vivo no esquecimento, esquecida por todos. O tilintar do telefone emudecido. Nenhuma ligação, ninguém se lembra desse ser ao qual eu represento. Digo bem, represento. Já não mais sei minha identidade. Desconheço a mim mesma. Não sei mais quem sou.

Continuo a caminhar pela casa, mas agora acompanhada pelo som da televisão que de nada adiantou. Nada me acalmou.

Desligo a televisão e o breu da noite toma conta do lugar. São muitas as inquietudes, as andanças e as possibilidades. Tudo é líquido, nada é eterno.

Essa alma feminina cheia de porquês percebe que me diluo na multidão onde há tantas gentes e poucas pessoas, míseros cidadãos. Adormeço em meio a um turbilhão de pensares, evocantes de um outro ciclo que se inicia na experiência cotidiana da vida. Amanhã é outro dia. Não sei se tenho respostas mas o olhar na multidão me traz a emoção e o sentimento de estar pensante, seguindo o caminho que não me permite mais recuos, nem atalhos e nem atrasos. É o bonde da vida que precisa seguir na diferença dos momentos, na contundência do humano.

Volto ao mundo real e felicito-me numa esperança que se refaz a todo tempo. É isso: dissolvendo as amarras, retirando as vendas, esquentando as mãos. Solidarizando-me com quem posso, afogueirando os corações do tempo e continuando a verter das experiências e vivências os ecos da incompreensível e disforme vida, que nos constitui nos pedaços da diferença, ainda que não tenhamos a noção disso.

Acordo para a vida, saio dos sonhos, da inconsciência, da inconstância e abro os olhos sob a luz do sol, amigo meu, fogo ardente que me retira da inércia e me faz vibrar e ver que estou viva.

Desperto para o mundo e que mesmo nas incoerências desse universo me permito ser eu mesma, esse ser em construção que tenta se manter ativa em busca do eu, das vozes e identidades que me constituem.

Me perco nos pensamentos, nas reflexões e salto para esse olhar na multidão. Sigo feliz na certeza que nos meus acertos e erros tenho a possibilidade de me transmutar, de constituir a cada dia nessa novidade para mim mesma e para o outro.

Caminho para mais uma etapa nesse cosmos. A cada dia um novo ciclo, um novo feminino, uma nova mulher, um novo ser moldado no barro, nas cinzas que se traduzem em fênix, como um pássaro a voar, a levantar os braços para o que há de mais desafiador e instigante.

Mônica Ramos da Costa Macedo

Professora da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Mestranda em Educação UERJ.

Sabrina Guedes de Oliveira

Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação UNICARIOCA.